

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: XXVI Seminário de Iniciação Científica

**MEDIAÇÃO ESCOLAR A POTÊNCIA DO AFETO NA RELAÇÃO
INTERSUBJETIVA¹
SCHOOL MEDIATION THE POWER OF AFFECT IN THE
INTERSUBJECTIVE RELATIONSHIP**

Lisiane Catieli Mazzurana², Fernanda Serrer Scherer³

¹ Grupo de estudos sobre mediação, realizado no curso de Direito da Unijuí - Campus Santa Rosa

² Aluna do curso de Graduação em Pedagogia Unijuí e participante do Grupo de Estudos de Mediação - Campus Santa Rosa. catielimazzurana@gmail.com

³ Professora do curso de Direito da Unijuí e coordenadora do Grupo de Estudos de Mediação - Campus Santa Rosa. fernanda.serrer@unijui.edu.br

INTRODUÇÃO

A escola é um local em que crianças e jovens passam a maior parte do tempo, constroem relações, criam afetos, perpassam pelo mundo do outro que é diferente. No período escolar o afeto é um dos pontos que fortemente está presente sendo ele positivo ou negativo influencia nas escolhas das amizades, nas linguagens, nos esportes, nos grupos culturais. O tema estudado é um esclarecimento da importância da mediação e do afeto na relação com o outro desde a Educação Infantil.

O objetivo desse estudo é compreender o afeto como uma potência que qualifica a relação intersubjetiva e como por intermédio da mediação é possível estabelecer um diálogo entre o “eu” e o “outro” conhecendo e respeitando as diferenças que nos tornam quem somos podendo somar na melhoria do papel ativo na sociedade.

METODOLOGIA

A abordagem que segue traz reflexões apontadas no grupo de estudos da Mediação de Conflitos, tendo como autores trabalhados Lucas (2011), Warat (2001) e Restrepo (2001), conta também com a contribuição de alguns autores trabalhados na área da pedagogia como Maturana (1998), Síveres (2015) e a proposta da BNCC (2018) sobre o reconhecimento das diferenças.

Relacionar as ideias dos autores com o meio escolar é o resultado do desafio proposto – e aceito – pelo grupo de estudos do curso de direito e busca integrar a área da pedagogia, a qual pertencem, com os conhecimentos produzidos pelo direito em relação ao estudo da mediação de conflitos e suas implicações no cenário escolar.

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: XXVI Seminário de Iniciação Científica

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Durante os encontros do grupo de Mediação nos deparamos muito com a escola como um lugar de relacionamento e constituição de saberes, percebendo que o diálogo é a ligação entre a relação professor/aluno e aluno/aluno potencializando o vínculo afetivo entre eles.

A mediação nasce quando há um conflito que necessite de uma intervenção. Quando o homem se dá conta que é constituído do “nós” e que as relações existentes são feitas de descobertas estabelecidas pela alteridade, se faz necessária a mediação tendo como principal aliado o diálogo. Este ato de dialogar possibilita aos envolvidos em um conflito que se reconheçam em seus interesses, fragilidades e potencialidades, impedindo a preponderância de uma única verdade. Conforme Lucas,

A mediação exige um estatuto ético de subjetividade que não se esgota na iniciativa do sujeito em direção ao outro, na postura de uma moralidade ou normatividade imperativa baseada numa situação de predomínio ou zona de conforto de identidades, pois nessas condições solipsistas o sujeito não se desprende de si mesmo e permanece na posição central da realidade e do conflito, criando obstáculo à formação de laços de alteridade e reduzindo a compreensão da complexidade do eu semelhante à sua própria identidade. Para que a mediação se instale como processo de diálogo inovador é indispensável que o sujeito seja afetado pelo outro, que receba o outro em si mesmo numa relação que promova encontros entre “eus” diferentes que se reconhecem numa dimensão ética de responsabilidade de “um-para-o-outro” e não de um em direção ao outro. Um apelo ético ao outro se faz necessário (2011, p. 151).

Para Buber a relação com o outro é “pautada pelo encontro, pela relação e pelo diálogo” (*apud*, Síveres, 2015, p. 39). Esses dois homens que se abrem para o diálogo, se abrem também para a alteridade, alterando e construindo novas formas de ser e se expressar. Pois o “outro” causa uma certa instabilidade por ser diferente do “eu” em múltiplos aspectos, oportunizando a reflexão de condutas, complementando-se e gerando harmonia na relação.

A escola é um ambiente frequentado por diferentes particularidades, como, pais, professores, funcionários e os alunos. É um ambiente propício para o surgimento de conflitos, e é necessário saber conduzi-los, para que estes não atrapalhem o desenvolvimento e o progresso dos alunos, mas auxiliem no crescimento individual e coletivo, na razão e no afeto.

O professor como sendo o mediador tanto do conhecimento como dos conflitos precisa estar ciente que os alunos são compostos por sentimentos que não cabem a eles serem desejados ou não, mas

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: XXVI Seminário de Iniciação Científica

sentidos. Por isso “a mediação que aponta a sensibilidade, com a ajuda do mediador, procura que as partes deixem de sentir o conflito a partir de seus egos” (WARAT, 2001, p. 39), assim os conflitantes projetam-se para além de suas relações egocêntricas permitindo-se pôr-se de frente com o outro implicando-se e deixando-se implicar, em um diálogo como aceitação da outriedade.

O papel do educador perpassa por todas as áreas científicas, intelectuais e tecnológicas, e geralmente o afetivo não é um dos aspectos previstos a serem trabalhados. Sendo o afeto que faz dos alunos pessoas mais sensíveis a realidade, mais humanos, é a área que mais deveria ser trabalhada fomentando relações intersubjetivas tendo como ponto de partida o diálogo, como diz Maturana “não é a razão que nos leva à ação, mas a emoção” (1998, p. 23). Ele trata a emoção vista no âmbito do amor como sendo algo fundante na vida do ser humano, e ressalte-se como sendo algo fundamental nas escolas, pois é neste ambiente que crianças e jovens convivem diariamente construindo e dando significado as aprendizagens, devendo também ter a emoção/afeto para dar sentido.

Maturana traz o amor na relação e aceitação do outro para uma melhor convivência, não como algo sentimentalista, mas como parte da nossa criação,

O amor é constitutivo da vida humana, mas não é nada especial. O amor é fundamento do social, mas nem toda convivência é social. O amor é a emoção que constitui o domínio de condutas em que se dá a operacionalidade da aceitação do outro como legítimo outro na convivência, e é esse modo de convivência que conotamos quando falamos do social. Por isso, digo que o amor é a emoção que funda o social. Sem a aceitação do outro na convivência não há fenômeno social (1998, p. 23).

Deste modo a mediação ajuda “a recuperar os sentimentos que fazem o que somos” (WARAT, 2001, p. 33), deixando de lado a superficialidade de se relacionar que vamos construindo desde o período escolar para dar espaço a vivência em harmonia e o sentir com o “outro”. “Precisamos amar e ser amados, sermos reconhecidos pelo outro como sujeito de afetos” (WARAT, 2001, p.51).

A escola como um espaço de socialização é também um campo de maus-tratos e intolerância, pois os alunos vêm de seus ambientes repletos de significações, com violências e agressões, a escola passa a ser um espaço de reprodução do que eles vivem nas relações extramuros escolares e na família. Com essas relações em crise percebe-se que,

[...] padecemos de um analfabetismo afetivo que dificulta compreender as raízes de nosso sofrimento. Analfabetismo que nos impede de encontrar chaves para melhorar nossa vida cotidiana. Basta lançar um olhar à família para dar-nos conta do montante de sofrimento que carregamos e

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: XXVI Seminário de Iniciação Científica

constatar que aquilo que por definição deveria ser um ninho de amor se converte frequentemente em foco de violência. (...) Dor e entorpecimento de que ninguém escapa em nossa cultura, pois se alguma coisa está democraticamente distribuída na sociedade contemporânea, é o torpor afetivo. (RESTREPO, 2001, p. 20).

Neste sentido a escola deve ter consciência deste importante papel, de educar os alunos para o afeto, para deixar-se sentir, para de fato se relacionar não só com o outro, mas também com o meio ambiente. A escola tem o dever de proporcionar momentos de reflexão, diálogos e práticas que somando as atividades das diversas áreas do conhecimento dá aos alunos meios de se relacionarem “[...] ao mesmo tempo que participam de relações sociais e de cuidados pessoais, as crianças constroem sua autonomia e senso de cuidado, de reciprocidade e de interdependência com o meio” (BNCC, 2018, p. 36).

Não se trata somente de defender a mediação bem como a afetividade na educação, se trata de compreender que tanto a razão quanto o afeto/emoção são particularidades do todo que é o ser humano e que sem ele não somos completos, por isso que,

Entender o ensino como uma formação da sensibilidade dá ao pedagogo o perfil de um esteta social, alguém que tem como matéria-prima o corpo, a fim de modelá-lo a partir de uma certa idealidade, provocando o gesto a partir da linguagem com o propósito de favorecer a emergência de sensibilidades e afeições que têm como paradigma a aproximação delicada à realidade do outro (RESTREPO, 2001, p.36).

Ter um ensino com base na sensibilidade e no diálogo é ter um ensino voltado para a humanização, é estar preocupado com o amanhã, é querer uma aproximação entre os “outros” que estão próximos e que são diferentes. Buscar uma educação com mediação e afetividade é buscar uma sociedade mais equilibrada e conhecedora das suas potencialidades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O pedagogo quando estabelece uma relação de diálogo com seus educandos consegue transmitir afeto na hora de ensinar, cria um vínculo e com isso faz ser menos dolorida a aprendizagem, pois não parte somente da razão e do seu autoritarismo.

Percebe-se que o afeto na relação intersubjetiva não é somente um meio, mas ele é o veículo para que haja uma troca de sentires, um conhecer-se mútuo, ressaltando o respeito nas trocas intersubjetivas e o cultivo da arte da escuta ativa. Pois nesta relação de afeto tem-se o diálogo,

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: XXVI Seminário de Iniciação Científica

atitude essa que necessita ser escutada, sentida e pensada, para que se alcance uma empatia entre as duas pessoas.

Espera-se que trabalhando a mediação dentro das escolas e potencializando o afeto na relação intersubjetiva possamos ter alunos mais preocupados com as causas sociais, com o meio ambiente, que sejam futuros adultos empáticos sem medo das críticas da sociedade e que se permitam emocionar-se e conhecer-se como ser que ama e deseja ser amado.

Palavras-chave: diálogo; emoção; alteridade.

Keywords: dialogue; emotion; otherness.

REFERÊNCIAS

BRASIL, Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2017 - 3ª Ed.

LUCAS, Douglas C.; SPENGLER, Fabiana M. (orgs.). **Justiça restaurativa e mediação:** políticas públicas no tratamento dos conflitos sociais. Ijuí/RS: Ed. UNIJUI, 2011

MATURANA, Humberto. Uma abordagem da educação atual na perspectiva da biologia do conhecimento. In: **Emoções e linguagem na educação e na política.** Belo Horizonte/MG: UFMG, 1998.

RESTREPO, Luis C. **O Direito à Ternura.** Tradução de Lúcia M. E. Orth - Petrópolis, RJ: Vozes 2001 3ªEd.

SÍVERES, Luiz. Pedagogia da presença - o pressuposto dialogal. In: **Encontros e Diálogos - Pedagogia da presença, proximidade e partida.** Brasília/DF: Unesco, 2015

WARAT, Luís A. **O Ofício do Mediador.** Florianópolis/SC: Habitus, 2001